

Testemunhos Sobre Bartomeu Melià

Diana Araujo Pereira¹
Clovis Antonio Brighenti²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i48.887>

Além dos artigos apresentados até aqui, esse dossiê conta também com relatos ou textos não acadêmicos, enviados por pessoas cujas vidas tocaram ou foram tocadas por Bartomeu Melià, em circunstâncias diversas.

O primeiro relato provém da experiência de Melià no Mato Grosso, embora agora assinado por diversas pessoas que trabalhavam no Conselho Indigenista Missionário (Cimi) naquele momento. A primeira autora afirma que “Melià foi um mestre e um amigo” que a levou a participar do livro “Educação Indígena e Alfabetização”. A autora exalta o caráter alegre e simples de Melià, aliado a bagagem intelectual de antropólogo e a atitude interiorizada de profunda vida de oração. Já o segundo relato – “Ao Mestre Melià com reconhecimento e gratidão” – ressalta o aprendizado que obteve com o sacerdote a respeito da vida religiosa “inserida no campo popular e no compromisso com uma nova sociedade”. A terceira autora destaca o encantamento causado pela figura de Bartomeu Melià para os indígenas que não o conheciam, por ser falante de língua guarani, e destaca, também, seu próprio encantamento pessoal: “ele conseguia transmitir a alma guarani!”.

1 MELIÀ

Escrito por Elizabeth A. R. Amarante³

Sim, a presença de Melià, jesuíta vindo da Espanha para trilhar os “caminhos da América”, caminhos de muitas culturas, de muitas resistências e também

¹ Organizadora do dossiê, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

² Organizador do dossiê, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

³ Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Mato Grosso – MT. E-mail: bethmyky@gmail.com.

de muitos martírios, foi uma presença significativa no Brasil, no CIMI, entre os Enawenê Nawê e para mim pessoalmente. Sua voz ecoou forte em nossas vidas nos convocando a um processo novo de presença inculturada entre os Povos Indígenas. Para mim pessoalmente, Melià foi um mestre e um amigo. Convivemos muitas vezes na aldeia Mÿky onde eu vivia, inclusive porque passar pelos Mÿky era a saída necessária para chegar a Utiariti, sede da Missão, ou para reuniões do CIMI em Cuiabá. Muitas vezes também Vicente e Melià vinham até a beira do rio Papagaio onde tínhamos um pouso onde amarrar as redes e ali a gente conversava, trocava ideias, vivia momentos de intercâmbio de problemas, ríamos e nos descontraíamos apertando os laços da amizade. Também o barraco à beira do rio Juruena era um espaço para a gente se reunir para sistematizar conhecimentos para toda a equipe se reunir para alguns dias de retiro, Melià sempre contribuindo no sentido de enxergar novos caminhos para a Igreja Missionária

Meu 1º encontro com Melià aconteceu em 1978, no Barranco Vermelho, aldeia Rikbaktsa, às margens do Juruena... Um convite inesperado que iniciou uma nova caminhada na compreensão e na prática do compromisso do CIMI com as comunidades indígenas, frente à imposição colonizadora : escola/alfabetização.

Aquela sua primeira intervenção abriu-nos trilhas e horizontes. Me lembro que após aqueles 3 ou 4 dias, ele me pediu para ir com ele a Utiariti a fim de ajudar no Relatório do Encontro. Logo de início fiquei impressionada com a clareza, a didática com que ele foi me ditando para eu datilografar, todas as etapas e todos os itens de cada exposição, e foi assim que nasceu o primeiro rascunho do que seria o livro “Educação Indígena e Alfabetização” que ele dedicou a Kawari “sábio analfabeto”.

O que faço questão de explicitar aqui é sua vida inculturada entre os Enawenê Nawê. Um Povo de muito recém contato, praticamente apenas 4 anos, contato realizado pelos jesuítas Thomaz Lisboa e Vicente Cañas.

Sempre me impressionou sua decisão e capacidade de inculturação na realidade indígena seja dos Guarani... seja dos Enawenê e outros povos, na vida de aldeia, nos pequenos requisitos e exigências desse cotidiano.

Melià, conforme vários depoimentos, foi uma pessoa que superou seus próprios limites e fazia isso rindo, alegre como uma criança. Porém todas essas dificuldades ele superava feliz por poder estar/viver/conviver com os Enawenê.

Tornar-se um deles! Melià sabia descrever com detalhes a vida que pulsava na aldeia...Muitas vezes ele era o centro da atenção das crianças pois tinha muita facilidade de se comunicar com elas. Mas, era nos rituais intensos e extensos, que Melià percebia e sentia mais plenamente o sentido da inculturação e encarnação na vida dos povos, vivenciando a partilha e a presença real do Verbo encarnado.

Foi um salto e um mergulho em outro mundo, outra cultura, outro “tempo” eu diria, outra língua e outra linguagem... A história Guarani longa e apaixonadamente estudada e a história Enawenê, uma total surpresa a ser descortinada! Para ele, foi provalmente um salto no escuro e para nós, certamente um mergulho providencial.

Melià com toda a sua bagagem intelectual de antropólogo, deixou também uma enorme contribuição para a linguística, com seu ouvido atento e inúmeras anotações. Seus dias se passavam aprendendo e compartilhando a Sabedoria Enawenê! A economia da reciprocidade! Ele mesmo disse mais tarde referindo-se aos Guarani, aos Enawenê e outros povos: “Os indígenas me ensinaram o caminho da Sabedoria” .

Não deve ter sido fácil o despojamento radical e aquele mixto de convivência e solidão. Conviver no dia a dia da aldeia e se aprofundar na solidão interior.

Jesuíta, de profunda vida de oração, deve ter se adentrado na mística daqueles que ele denominou “benedictinos da selva”. Madrugadas a fio em longos rituais em torno do fogo, partilhando a cuia de chicha... Dias e mais dias sozinho na aldeia, quando Vicente se ausentava... ruminando pensamentos e reflexões sobre o futuro daquele povo quando chegasse a hora da invasão avassaladora de nosso mundo de mercado, de projetos e estradas...tentando mergulhar naquela realidade, anotando no diário, analisando as manifestações diárias de uma cultura tão complexa. Ele que confessava só poder contribuir praticamente plantando milho e mandioca, ou trazendo lenha para o fogo...nos legou uma impressionante contribuição antropológica!

Não se dava conta do quanto, em extensão e profundidade, vivenciou em verdade o compromisso missionário em novas formas de convivência, fazendo-se um deles e tornando- se o menor entre eles.

Termino lendo um trecho escrito por ele:

“Participei da Religião indígena com um respeito total, crendo e confiando que essa Religião era o sacramento de Deus na vida de cada Povo.

A vida ritual não estava separada da comunhão, na comida e na bebida que não excluía ninguém e fartava a todos por igual”

Obrigada Melià!

2 AO MESTRE MELIÀ COM RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

Escrito por Sebastião Carlos Moreira⁴

Pois bem, é um desafio falar sobre o Melià, um desafio muito grande, mas vamos lá.

Eu cheguei em Cuiabá no início de 1977, com recomendação do padre provincial da Companhia de Jesus, Paulão, e fui acompanhado pelo padre Teodório Weber, da paróquia do Rosário. Nessa época, eu estudava, trabalhava e atuava em movimentos sociais. Participei da criação do PT (Partido dos Trabalhadores), de movimentos nas periferias na luta por moradia, direitos humanos, grupo de jovens e na Pastoral da Juventude. Para mim, a vida religiosa tinha sentido com o engajamento no campo social.

Na comunidade de São Judas Tadeu, conheci os jesuítas da Missão Anchieta que atuavam junto aos povos indígenas, entre eles estava o Melià. Quando pensei em trabalhar com povos indígenas, falei com o Melià, que na época era o superior da Missão, e ele me respondeu positivamente, mas com duas interrogações. Por que eu queria morar em aldeias se estava bem entrosado nos movimentos sociais? E quais eram minhas expectativas como religioso trabalhando na missão entre os povos indígenas? Eu acreditava que as populações das periferias e do campo teriam seus direitos reconhecidos na medida em que fossem assumindo o protagonismo de suas lutas, e pensava em desenvolver um trabalho junto aos povos indígenas nesse sentido.

Melià acolheu muito bem minha a proposta, apresentou duas possibilidades de equipe para atuação, junto aos Rikbaktsa, no rio Juruena, formando equipe com o padre Balduino Loebens, ou no rio dos Peixes, com o Povo Kayabi, Apiaká e Munduruku, na equipe com o padre João Evangelista, e me pediu que fosse conversar separadamente com cada um deles. Os dois me receberam muito bem e conversamos bastante. Então, voltei a falar com o Melià que havia decidido

⁴ Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Mato Grosso – MT. E-mail: tiao34@gmail.com.

formar equipe com o padre João e logo encaminhamos minha ida para a aldeia. Na equipe também estavam as irmãs Hervécia Simione e Conceição Muniz e o padre Eugênio Wenzel.

No tempo que estive na aldeia, o Melià foi nos visitar duas vezes. Suas visitas duravam semanas. Conversamos sobre como deveria ser a minha presença na aldeia e os planos de trabalho ali com os Kayabi. Eu sentia o Melià como uma grande referência sobre o que eu pensava da vida religiosa, a vida religiosa inserida no campo popular e no compromisso com uma nova sociedade. E ele também sempre apoiou muito o meu trabalho. Além de um grande intelectual, que sempre trazia muitas provocações, o Melià era um grande companheiro. Ele não sabia cozinhar, mas ia junto para o rio, buscava água e limpava a casa.

Logo na primeira, o Melià propôs um estudo sobre o povo Kayabi. Então, todo dia, das oito ao meio-dia, era o nosso horário de trabalho. Isso sistematicamente, de segunda a sexta-feira. Estudamos muito a tese do Georg Grünberg (*Os Kaiabi do Brasil Central – História e Etnografia - 1970*), a partir da qual fizemos uma pesquisa da história e cultura do povo Kayabi e fomos para e outros escritos também. Desse material fizemos um fichário de anotações. Essa pesquisa ajudou muito na minha relação com o povo Kayabi, quando eu ia conversar com eles, eu já sabia muito do território tradicional deles e da história da ida para o Xingu.

Na discussão sobre o trabalho, ele era muito aberto, conversávamos muito, muito mesmo, sobre o trabalho junto aos povos indígenas, as questões sociais, as Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), o trabalho da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do PT, que estava nascendo, e o que representava um partido político entre os movimentos sociais.

Outra questão foi a situação da terra dos Kayabu, que foi demarcada deixando uma parte fora, a região do Salto Sagrado. Os índios reivindicavam para a Funai e a Funai não fazia nada, então eu achava que eles deveriam assumir o protagonismo dessa luta e fazer picada nos limites onde a terra deveria ser demarcada. O Melià concordou, mas disse que eu deveria conversar com os Kayabi sobre isso, eles iriam me dizer o que queriam e eu deveria dar todo apoio a eles.

Conversamos muito sobre a questão religiosa no trabalho junto aos povos indígenas. Lembro que um dia as irmãs vieram conversar comigo para eu rezar o terço com os Kayabi no domingo à tarde. Então, passei o domingo com os Kayabi,

jogamos bola, comemos e eles não me chamaram para rezar o terço e eu também não chamei eles. Depois, o padre e a irmã não perguntaram nada e eu também não falei nada. Eu falei dessa questão com o Melià e ele disse que os Kayabi não me procuraram para rezar o terço pois isso não fazia falta para eles e não havia problema em não rezar o terço com eles. Ele disse que a relação do padre e das irmãs com os Kayabi vinha muito pelo lado religioso e que os Kayabi aceitavam a relação com os religiosos pois era vantajosa para eles, os religiosos prestavam serviços de saúde e educação, não tinha nada do que tem hoje nesse sentido. O Melià dizia que os índios tinham uma relação muito mais livre comigo porque a questão religiosa não era uma necessidade deles e eu não trazia isso para eles.

Eu também conversei com o Melià essa questão dos mártires. Se falavam dos mártires jesuítas que os índios do sul mataram. E o Melià falou que com a chegada dos jesuítas, e também de outras congregações religiosas, os religiosos chegavam impondo sua religião, erguendo uma cruz no centro da aldeia e rezando o terço com todo mundo. Haviam os índios que aceitavam e os que resistiam a isso, que entendiam isso como uma ameaça a sua cultura. O Melià dizia que a gente chamava os jesuítas mortos pelos índios de mártires porque somos dessa tradição dominadora, mas os jesuítas estavam agredindo a forma de vida dos índios e essa era uma lógica de colonização. O colonizador não valoriza os saberes e tradições dos povos e impõem seus valores como estratégia cultural e religiosa de dominação.

O Melià dizia que a convivência e relação com os índios deveria ser de “inculturação” para poder respeitar eles. “Inculturação” era um termo utilizado naquele tempo que tinha o sentido de vivenciar a cultura, a tradição e os saberes deles. Aí entrava a língua deles, o Melià dizia que para conhecer um povo você deveria estudar a língua deles, isso era uma questão muito forte para se conhecer um povo.

Nessas visitas do Melià tivemos conversas que me deram uma base fundamental para o meu trabalho com os povos indígenas. Depois que ele saiu do Mato Grosso eu encontrei o Melià diversas vezes, a gente sempre tinha bons papos, conversávamos muito sobre esse tempo, o trabalho e aquilo que a gente vivenciou na Missão Anchieta. Ele foi um grande incentivador da Missão.

O Melià tinha uma dedicação especial ao tema da educação. Ele entendia que o trabalho missionário e o trabalho popular deviam ser um trabalho educativo,

na linha freireana (de Paulo Freire). Ele também conviveu com Vicente Cañas e o povo Enawenê-nawê. Ele dizia que este povo tem uma grande espiritualidade, que o tempo de rituais deles era semelhante ao dos Beneditinos. O Melià dizia que os Enawenê-nawê eram os Beneditinos da selva. Um povo de uma mística impressionante.

Nos tempos da Missão se falava muito da encarnação, e o Melià era essa pessoa que defendia e vivia um trabalho totalmente encarnado. A definição de encarnado não era transformar as pessoas, mas estar mais próximo possível, dentro da realidade das pessoas e se comprometer com essa realidade.

O Melià falava com muita convicção que a convivência, o dia a dia, tem um poder muito grande como ação transformadora junto a um povo, sobretudo quando se está muito próximo da realidade e do sofrimento das pessoas, como quem trabalha na saúde e educação.

Ele dizia que a educação dos povos indígenas, em especial a educação escolar, deveria reconhecer e valorizar os saberes tradicionais. A educação transformadora da realidade deveria lutar pela afirmação deles enquanto povo na convivência com a nossa sociedade e não pela conversão deles para nossa sociedade.

Eu digo o seguinte, tive muita sorte de iniciar meu trabalho no Cimi nessa experiência com o Melià, os Padres João e Eugênio e as irmãs Hervécia e Conceição. Na missão eles me mostraram a dedicação junto aos povos. Foi um momento muito importante para minha formação, atuação no Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e também na formação da vida. Tenho muito a agradecer!

3 XE RAMÕI BARTOMEU MELIÀ. ALMA GUARANI

Escrito por Jussara Rezende⁵

Conheci Melià em 1979 (ou será 1978...) em um encontro, de indigenistas, antropólogos, missionários do Cimi-Conselho Indigenista Missionário, que atuavam com o povo Guarani. Foi na sede do Cimi MS na Vila São Pedro, em Dourados-MS. Eu estava iniciando, como missionária indigenista, a atuar com o povo Guarani no estado de SP. Era uma oportunidade e tanto para a minha qualificação antropológica e conhecimento sobre a cultura e história desse povo.

⁵ Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Regional Sul. E-mail: jussaracimi@gmail.com.

Já naquela época, o jesuíta e antropólogo, apresentava seus cabelos embranquecidos. Ele deveria estar perto dos 50 anos. Me lembro, uma vez, em um encontro dos Guarani em Curitiba-PR, ele nos dizendo que seus cabelos eram brancos, mas ele não era tujá (velho).

Por muitas vezes, pudemos contar com sua assessoria.

No Cimi, fazíamos de quando em quando, encontros para estudo, troca de experiência, planejamento e avaliação do trabalho entre as equipes que atuavam com o povo Guarani nos estados do MS, ES, RJ, SP, PR, SC e RS. Como eram ricos aqueles momentos! Que privilegiados fomos em ter conosco alguém que nos ajudava a adentrar o mundo Guarani! A conhecer, compreender e admirar o Teko, o “Bem Viver” Guarani. Eu ficava embevecida ouvindo aquele mestre!

Nos ajudou nas Aty (reunião) dos Guarani do Brasil e países vizinhos. Os Guarani ficavam admirados e gostavam, por demais!!! ver como aquele senhor, de cabelos e barbas brancas –tamõi, falava o seu idioma, inclusive a sagrada linguagem. Alguns manifestavam um Q meio místico por ele ser “kejuíta”.

Eu, particularmente, voava, como uma borboleta, ouvindo Melià! Como ele conseguia transmitir a alma guarani! Compartilhava com ele o que me ensinavam meus e minhas mestres e mestras guarani. Por outro lado, fazia uso dos ensinamentos de Melià para “um dedo a mais de conversa” com meus professores e professoras indígenas. Estes momentos, em geral ao redor de um fogo de chão, eram ricos para checar narrativas: o que continuava em uso, o que modificara, o que despertava novas informações, novos conhecimentos.

Saudades daqueles tempos...Cada vez sentia mais e mais minha visão sobre mundo ampliar-se. Como era pequena, restrita à minha cultura hegemônica, colonizadora, opressora! Era como necessário despir-me de minha pele cultural, tomar certa distância...para abrir minha mente, minh’alma às possibilidades várias de conceber o mundo, de conceber a vida, de ser gente neste “mundão véio de Deus”.

Aguçou minha sensibilidade para conhecer, perceber, reconhecer e respeitar o mundo guarani. Devo muito isto à Bartomeu Melià.

4 BRASIL, UM TEMPO DE TRAVESSIA

Outro fato que lembro: como em geral ocorre com os exilados, a nostalgia da terra deixada para trás. Espanhol de origem, paraguaio por opção, obrigado que fora pela ditadura de Strossner a refugiar-se no Brasil (que também vivia sob outra ditadura), falava com saudades dos tempos em que vivia no Paraguai e era aprendiz dos Guarani, principalmente dos Paĩ, aqui no Brasil conhecidos como os Kaiová. Falava com reticências, com cuidado, evitando as fotos, mas, deixando transparecer sua nítida vontade de retornar àquela terra. Assim que pode para lá retornou.

Em sua travessia pelo Brasil, fez parte do Cimi, fazendo parte de outros fóruns, pastorais diocesanos, acadêmicos, indigenistas. Atuou em várias regiões no Brasil e com diferentes povos originários, creio que por último com os Kaingang e Guarani no norte do RS.

Anos se passaram... e com eles viajou nosso mestre.

Hoje eu diria:

Bartomeu Melià,

Espanhol de origem,

Paraguaio por opção,

Brasileiro por condição,

Guarani por devoção!

Gratidão xe ramõi Melià.

Novembro de 2021

5 AO MESTRE BARTOMEU MELIÀ, COM CARINHO!!

Francisco Silva Noelli⁶

As comunidades científicas têm investigadoras e investigadores que são referências em vários aspectos, servindo como inspiração intelectual e política nas formas mais diversas. Bartomeu Melià (1932-2019) foi uma dessas personas cen-

⁶ Centro de Arqueologia (UNIARQ), Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

trais, cuja presença foi simultaneamente afetiva no trato e didática em relação aos mais diversos propósitos de interesse público, educacional e acadêmico. E, quando necessário, sempre foi muito aguerrido e tenaz na defesa dos povos indígenas e da educação, a ponto de ser expulso do Paraguai em 1976 (para onde retornou definitivamente apenas 1989, com o fim do governo ditatorial), ficando no Brasil, sempre em território Guarani, como ele gostava de dizer. Foi o que testemunhei nos 32 anos que convivi com ele e com as pessoas mais ou menos próximas do seu círculo de amizades que investigavam história, linguística, educação, antropologia e arqueologia nas temáticas indígenas sul-americanas. Sei que cada uma delas guarda uma boa lembrança do nosso homenageado, pois muito além de suas aulas, conferências e publicações, ele tinha prazer e o sentimento do dever de compartilhar ações e ideias, considerando que quem produzia pesquisa deveria dar o seu melhor aos povos originários e que ele era apenas mais um diante de tanto por fazer. Como ele relatou tão bem em diversas publicações, sempre era necessário um mutirão, o *potirõ* como os Guarani costumam fazer para colaborar *poniendo las manos a obra*.

Mas vou contar algo da minha parte. Foi uma relação com períodos de muita proximidade, alternados com afastamentos relativos por conta das agendas pessoais, do distanciamento geográfico e da minha saída precoce da vida acadêmica em 2002. Depois retomamos a parte acadêmica quando consegui regressar à pesquisa de forma mais sistemática em 2012, como uma conversa de um dia que continuou no dia seguinte. Mas durante essa década de interregno profissional conversamos mais sobre questões pessoais, onde tive a oportunidade de conhecer melhor suas várias facetas.

Fui apresentado a Melià por José Proenza Brochado, em 1987, no dia da defesa da dissertação de mestrado de José Otávio Catafesto de Souza (outro amigo e exemplo – de quem tive a sorte de ser aluno no curso de graduação em História, entre 1986 e 1989). Naquele dia iniciei uma conversa com Melià, encerrada apenas no dia 30 de setembro de 2019, quando trocamos nossos últimos e-mails.

Brochado me apresentou, logo dizendo que eu estava começando na pesquisa e tinha muito interesse em conhecer os Guarani. Do início ao fim, este encontro não durou cinco minutos. Imediatamente Melià sorriu e perguntou: “qual seria seu interesse?” Surpreso e desajeitado, respondi com outra questão, quase a mesma que fiz meses antes a Brochado, em meados de 1986, quando o

conheci no Gabinete de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “Como era uma aldeia Guarani nos séculos XVI e XVII?”

Ambos deram praticamente a mesma resposta: “terás que descobrir”. E os dois disseram que eu precisaria pesquisar as fontes escritas, pois ainda não existiam pesquisas revelando contextos arqueológicos de forma satisfatória e completa. Melià me disse para procurá-lo, assim que possível, para conversarmos. Passados uns dias nos encontramos em São Leopoldo, quando ele me deu um exemplar do recém-lançado *O Guarani: uma bibliografia etnológica*, feito em parceria com Marcos Vinícios de Almeida Saul e Valmir Francisco Muraro, e cópias de alguns artigos dele, incluindo a monografia sobre os Paĩ-Tavyterã, publicada em 1976, uma coautoria com seus diletos amigos Georg e Friedl Grünberg. Posteriormente, enquanto eu avançava seguindo as indicações d’O Guarani, comentando o resultado das leituras, Melià disse que ficava satisfeito de ver que o seu objetivo dava resultados, pois ele imaginara o livro como um mapa para navegar através da imensa bibliografia disponível. Anos depois ele me pediu para resenhar o livro que produziu com Liane Nagel em 1995, *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica* (publicada 1997 na Revista de Antropologia). Depois, me convidou para fazer a resenha das edições que produziu para os livros de Montoya e da tradução da sua tese de doutorado defendida na Universidade de Estrasburgo, em 1969. E me enviou livros e sugeriu fazer outras resenhas para divulgar pesquisas sobre os Guarani e o período colonial, bem como uma nota biográfica sobre o médico e naturalista paraguaio Carlos Gatti, um pesquisador importante pouco conhecido no Brasil.

Para mim foi uma experiência marcante ter a oportunidade de conhecer e conviver com os dois, pois não imaginei que Brochado e Melià fariam parte da minha vida profissional e pessoal por três décadas. Além da sequência de leituras para desenvolver a minha pesquisa, Melià me deu o conselho que considero como o mais importante: ler sistematicamente os dicionários de Antonio Ruiz de Montoya, *Tesoro e Vocabulario de la lengua Guarani*. Melià me explicou desde o começo praticamente o mesmo pressuposto que Brochado me dissera antes: os dados históricos, linguísticos e antropológicos sobre os Guarani, devidamente analisados sob uma crítica das fontes, sempre serão importantes para os arqueólogos e arqueólogas, pois eles mostram as pessoas e os seus conhecimentos em ação. Os argumentos de ambos coincidiam sobre o valor heurístico de tais

fontes, que repetiam conteúdos produzidos em tempos, lugares e circunstâncias diferentes, por pessoas com formações, posições e interesses distintos dentro do sistema colonial. São informações importantes para mostrar os Guarani sob as mais diversas perspectivas ao longo de 521 anos, assim como são determinantes na investigação de vários aspectos pré-coloniais, com Melià sempre reiterando que brevemente os Guarani pautariam na academia os conteúdos e as versões escritas de suas próprias histórias. Houve uma outra indicação coincidente deles que foi decisiva: conhecer como funcionava a linguística histórica e ler Aryon Dall’Igna Rodrigues. Ambos disseram que seria um aspecto necessário da minha pesquisa, contrastar sistematicamente os conteúdos das línguas faladas pelos Guarani com as demais línguas do tronco Tupi, para compreender conhecimentos e práticas compartilhadas entre eles. O Aryon foi essencial para mim, com muitos ensinamentos através das suas publicações e, para minha sorte, também pessoalmente.

Em janeiro de 1988, sob a orientação de Brochado, finalmente, eu comecei a minha pesquisa sobre a aldeia e o manejo ambiental praticado pelos Guarani, após encerrar 10 meses de estágio no projeto Arqueologia Histórica Missioneira, coordenado por Arno Alvarez Kern. Eu me graduei em janeiro de 1990 e, posteriormente, no dia 13 de maio de 1993, recebi o título de mestre com a dissertação *Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e a sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí, RS*. Foi a minha resposta mais definitiva para Brochado e Melià. Eu emprestei para o título o “sem tekohá não há tekó” de um artigo que Melià republicou no livro *Guarani conquistado y reducido*, a partir da ênfase com que ele me sugeriu considerar a importância de mostrar todas as informações possíveis sobre a materialidade e a ecologia nomeada pelos Guarani, como resposta ao desinteresse e as concepções incompletas e erradas que campeavam sobre o tema naquela época (aspecto que coincidentemente me fora ressaltado por Brochado desde a nossa primeira conversa). Encarei com muito afincamento as suas recomendações, procurando honrar a consideração e o interesse que ambos sempre me dispensaram desde o momento em que os conheci. No fim das contas, eles me fizeram responder a pergunta sobre a aldeia Guarani, concordando que o modelo que propus poderia abarcar as várias possibilidades de configuração ecológica, botânica, social, etc... Hoje, a ecologia e a botânica são temas corriqueiros na arqueologia brasileira, mas em 1987 eram praticamente desconhecidos, salvo as caracterizações mais

gerais sobre os ambientes dos territórios Guarani. Nos dicionários de Montoya encontrei e sistematizei as informações de conhecimento botânico e manejo ambiental, semelhantes àquelas registradas no final do século XX e no século XXI em outros povos falantes das línguas do tronco Tupí.

Aqui é necessário registrar o apoio que tive de duas pessoas essenciais na produção de uma parte da minha dissertação. Eles ajudaram a sistematizar a minha leitura da edição Platzmann de Montoya e da enciclopedia de Carlos Gatti, ordenando tudo em um banco de dados temáticos construído entre 1990 e 1992: Beatriz dos Santos Landa e André Luís Ramos Soares (atualmente professores de universidades públicas, com pesquisas relevantes sobre os Guarani, com seus mestrados orientados por Brochado e inspirados por ideias de Melià). Os dois foram exemplares em paciência e competência para lidar com a enorme quantidade de informações levantadas no meu fichamento, e depois usaram esses dados para fazer trabalhos pioneiros na arqueologia Guarani: a Bia sobre as práticas das mulheres e o André sobre a organização social e territorial, temas inéditos na arqueologia brasileira de meados dos anos 1990.

Melià me deu outro conselho que procurei seguir: aprender a escrever o texto acadêmico e publicar tudo que fosse possível. Para ele não fazia sentido se dizer pesquisador e pesquisadora ou ser professor e professora universitário e não publicar com regularidade e qualidade. Ele me dizia para otimizar o tempo, propor ideias, levantar dados, estar atento ao trabalho de colegas e escrever sempre. Ao longo da produção da dissertação o recebi diversas na minha casa em Porto Alegre, para almoçar, conversar sobre o andamento da pesquisa, sobre problemas da construção do conhecimento e das lutas indígenas pela liberdade e autodeterminação. E, por várias vezes, no centro da cidade, fomos conversar no Mercado Público, para um sorvete na banca 40, ou uma cerveja no bar Dona Maria, na rua General Câmara. Também nos encontramos em Florianópolis, São Paulo e Asunción, onde me recebeu e hospedou no ISEHF, especialmente em meados 2015, quando fui registrar as coleções de vasilhas cerâmicas arqueológicas Guarani. Naquele momento, me pediu para revisar o texto que finalizava para o seu livro de 2016, *Camino guaraní: de lejos venimos, hacia más lejos caminamos*, onde publicou algumas fotografias de vasilhas feitas por mim naqueles dias, incluindo duas guardadas por ele no ISEHF, presentes recebidos dos Guarani.

Desde o início dos anos 1990, tive a oportunidade de ler e comentar alguns de seus manuscritos. Foi uma forma de me estimular a transformar partes da minha dissertação em artigos, especialmente aquelas com conteúdos baseados na língua Guaraní registrados por Montoya, que organizei como cenários da vida cotidiana. Logo em 1991, ele me estimulou a publicar um texto sobre Montoya como fonte útil para a arqueologia (junto com Beatriz Landa). Em 1994, ele publicou um pequeno artigo meu sobre as plantas de roça na revista *Acción*, preocupado em divulgar conhecimentos sobre segurança alimentar e, novamente, sugeriu que eu publicasse um texto sobre têxteis Guaraní, que foi apresentado em 1993 por Beatriz Landa, no Encontro de Estudos Missionários, em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. Em 1995, publiquei um artigo sobre os artefatos líticos Guaraní (em coautoria com Adriana Dias), cujos registros de Montoya foram transliterados por ele. Enfim, uma parte das minhas publicações devo a ele, tanto nos artigos temáticos com registros de Montoya, quanto em outros assuntos. Lembro que ele pediu para eu desenvolver uma parte da minha dissertação, sobre Curt Nimuendajú e Alfred Métraux, para integrar uma homenagem ao centenário de Leon Cadogan, publicada em 1999. E, por várias vezes, para produzir sínteses didáticas sobre a arqueologia dos territórios dos Guaraní, algo que fiz em 2000, 2004, 2014, 2015, sozinho ou com parcerias de pesquisa. Ademais, sugeriu outros temas, que só consegui publicar depois da sua partida (assim como outros que farei futuramente...).

Em 2011, ele concluiu um projeto pessoal, difícil sob vários aspectos, que durou muito tempo: a edição transliterada do *Vocabulario* (2002) e do *Tesoro de la lengua Guaraní* (2011). Ele me disse que foi o seu maior desafio editorial, concluído em colaboração com pessoas e instituições, principalmente Antonio Caballos e Friedl "Paz" Grünberg, que fizeram a transliteração. Também confidenciou que a forma final da transliteração não seria consensual fora do meio acadêmico, especialmente pelo interesse dos Guaraní em propor formas próprias e diferenciadas entre si para grafar a sonoridade de suas línguas, algo que no fim ele achava importante como manifestação de identidade e autodeterminação das comunidades no Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia.

Para a minha surpresa, na monumental introdução da edição do *Tesoro* vi o meu nome citado junto com Graciela Chamorro e Angélica Otazú, como exemplo de uso e manejo dos registros de Montoya. Para mim foi uma honra ser considerado assim por Melià, na companhia de duas pesquisadoras tão eminentes, em

uma manifestação pública do que ele me dissera desde que leu os primeiros manuscritos da minha dissertação em 1991. Esse gesto tão generoso e manifestação de apreço foram forças que renovaram as minhas energias para querer voltar a produzir conteúdos sobre Montoya.

Eu gostaria de me estender e contar mais, de mostrar a boa influência de Melià em uma longa lista de ações. Mas preciso terminar por aqui essas lembranças que me comovem e remetem ao começo da história: um pesquisador veterano que se interessa por guiar um jovem iniciante a partir do zero, acolhendo objetivos, então obscuros, que eu não sabia direito aonde chegariam. Certamente a minha vida profissional teria outro rumo sem a presença marcante de Melià, assim como é a influência de Brochado. É muito semelhante ao que me relataram vária(o)s colegas, sobre o cuidado modesto e carinhoso dispensado por ele, aconselhando caminhos seguros ou inusitados conforme o interlocutor, sempre receptivo às propostas mais diversificadas. Ainda hoje ele me influencia, não apenas quando ativo a memória do que ele contava, questionava ou sugeria, mas quando lembro ou releio partes da sua vasta produção acadêmica. Como eu, muitos certamente devem à influência direta ou indireta da longa e pródiga aventura intelectual de Bartomeu Melià.

Resenhas de livros de Melià:

NOELLI, F. S. Tesouro e Catecismos da língua Guaraní de Antonio Ruiz de Montoya. *Diálogos*, Maringá, v. 21, n. 3, p. 256-258, 2017.

NOELLI, F. S. Vocabulario de la lengua guaraní (1640) e Arte de la lengua guaraní (1640): MONTROYA, Antonio Ruiz de. 2002. Vocabulario de la lengua Guaraní (1640). Transcrição e transliteração por Antonio Caballos. Introdução por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG. 407 pp. MONTROYA, Antonio Ruiz de. 1993. Arte de la lengua Guaraní (1640). Edição fac-similar. Transcrição por Antonio Caballos. Introdução por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG, 307 pp. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v.10, n. 2, p. 432-433, out. 2004.

NOELLI, F. S. Bartomeu Melià & Liane Maria Nagel. Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica. Asunción/Santo Ângelo, CEPAG/URI, 1995, 306 pp. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.40, n. 2, 225-233, 1997.

NOELLI, F. S. MELIÀ, Bartomeu: La lengua Guaraní en el Paraguay Colonial. Asunción:

CEPAG, 2002, 399 pp. *Revista Complutense de Historia de América*, Madrid, v. 30, p. 254-255, 2004.

Resenhas encomendadas por Melià:

MAEDER, E. J. A. (Ed). Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1641 a 1643). Documentos de Geohistória Regional. Resistencia, n.11: 1-170. Instituto de Investigaciones Geohistóricas, 1996. *Diálogos*, Maringá, v. 3, n. 1, p. 355-358, 1999.

NOELLI, F. S. MAEDER, E. J. A. (Ed). Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1641 a 1643). Documentos de Geohistória Regional. Resistencia, n.11: 1-170. Instituto de Investigaciones Geohistóricas, 1996. *Diálogos*, Maringá, v. 3, n. 1, p. 355-358, 1999.

NOELLI, F. S. Actas capitulares y documentos del cabildo de Asunción del Paraguay, siglo XVI, por Roberto Quevedo, Margarita Durán y Alberto Duarte. *Revista Complutense de História de América*, Madrid, v. 30, p. 253-254, 2004.

NOELLI, F. S. Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista, por Artur H. F. Barcelos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 185-188, 2003.

NOELLI, F. S. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos, por Carlos Teschauer. 2 ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002. 3 v. *Fronteiras, Revista de História*, Dourados, v. 6, n. 12, p. 155-156, 2002.

NOELLI, F. S. Nhande Rembypy. Nossas origens, por Wilson Galhego Garcia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 517-520, 2002.

NOELLI, F. S. Atlas histórico y urbano del Nordeste Argentino. Pueblos de indios y Misiones jesuíticas (siglos XVI-XX), por Ernesto J. A. Maeder & Ramón Gutierrez. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 173-175, 2001.

NOELLI, F. S. Breve relación de las misiones del Paraguay, por José Cardiel. Buenos Aires: Secretaria de Cultura de la Nación, 1994. 190p. (mapas, ilustrações, notas críticas e informativas de Ernesto Maeder). *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 187-188, 2001.

NOELLI, F. S. Atlas histórico del Nordeste Argentino, por Ernesto J. A. Maeder & Ramón Gutiérrez. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 165-166, 1999.

Artigos e capítulos de livros sugeridos ou influenciados diretamente por Melià:

BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F. S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, Amsterdam, v. 356, p. 54-73, 2015.

NOELLI, F. S.; BROCHADO, J. P.; CORRÊA, A. A. A linguagem da cerâmica Guaraní: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 167-200, 2019.

NOELLI, F. S.; BROCHADO, J. P. O cauim e as beberagens dos Guaraní e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 8, p. 117-128, 1998.

NOELLI, F. S.; DIAS, A. S. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica Guaraní. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 7-24, 1995.

NOELLI, F. S.; TRINDADE, J. A. Fontes publicadas para a História do Guairá e das suas populações indígenas: 1538-1650. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, ano 17, n. 18, p. 301-348, 2003.

NOELLI, F. S.; LANDA, B. S. As receitas culinárias Guaraní como base para análise da dieta do grupo. In: JORNADAS INTERNACIONAIS SOBRE AS MISSÕES JESUÍTICAS: AS MISSÕES JESUÍTICAS DEL GUAIRÁ, 1., 1998, Cascavel. *Anais [...]*. 1998. p. 479-494.

NOELLI, F. S.; LANDA, B. S. Introdução às atividades têxteis Guaraní. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIRO, 10., 1994, Santa Rosa. *Anais [...]*. Santa Rosa: UNIJUÍ, 1994. p. 472-477.

NOELLI, F. S.; LANDA, B. S. Tesoro y vocabulario de Antonio Ruiz de Montoya. SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIRO, 9., 1991, Santa Rosa. *Anais [...]*. Santa Rosa: UNIJUÍ, 1991. p. 212-219.

NOELLI, F. S.; MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. Os sítios arqueológicos guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina: registros até 2013. In: MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P (Org.). *Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Appris, 2014. p. 177-186.

NOELLI, F. S.; MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. Tabela de Sítios Guarani no litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. In: MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P (Org.). *Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Appris, 2014. p. 205-255.

NOELLI, F. S.; VOTRE, G. C.; SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D. D.; CAMPOS, J. B. Ñande reko: the fundamentals of Guaraní traditional environmental knowledge in southern Brazil. *Vegetation History and Archaeobotany*, [s.l.], v. 31, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00334-021-00848-9>

NOELLI, F. S.; SOARES, A. L. R. Para uma história das epidemias entre os Guarani. *Diálogos*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 165-178, 1997.

NOELLI, F. S.; SOARES, A. L. R. Efeitos da conquista europeia na terminologia e organização social Guarani. *Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa*, São Paulo, v. 8, p. 383-397, 1997.

NOELLI, F. S.; VOTRE, G. C.; SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D.; CAMPOS, J. B. Ñande reko: fundamentos dos conhecimentos tradicionais ambientais Guaraní. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 13-45, 2019.

SILVA, F. A.; NOELLI, F. S. A ocupação do espaço na terra indígena Apucarana-Paraná: elementos para uma reflexão interdisciplinar. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 24, p. 27-36, 1997.

NOELLI, F. S. Memórias sobre tempos de peste: a linguagem Guaraní das doenças e epidemias (parte 2). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 261-298, 2021.

NOELLI, F. S. Memórias sobre tempos de peste: a linguagem Guaraní do século XVII sobre as doenças e epidemias (parte 1). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v.12, n. 1, p. 235-249, 2020.

NOELLI, F. S. Piratýpe: uma linguagem da pesca e do consumo de peixes entre os Guaraní. *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas, v. 16, n. 32, p. 30-54, 2019.

NOELLI, F. S. O espaço dos Guarani: A construção do mapa arqueológico no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. In: MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P (Org.). *Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Appris, 2014. p. 187-203.

NOELLI, F. S. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. *Revista de Indias*, Madrid, v. 64, n. 230, n. 17-34, 2004.

NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas- 1872-2000. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 218-269, 2000.

NOELLI, F. S. Curt Nimuendajú e Alfred Métraux: a invenção da terra sem mal. *Suplemento*

Antropológico, Pelotas, v. 34, n. 2, p. 123-166, 1999.

NOELLI, F. S. Aportes históricos e etnológicos para o reconhecimento da classificação Guarani de comunidades vegetais no século XVII. *Fronteiras, Revista de História*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 275-296, 1998.

NOELLI, F. S. A contribuição de Carlos Gatti à Etnologia Guarani. *Universidade e Sociedade*, Brasília, v. 17, p. 73-76. 1998.

NOELLI, F. S. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do Arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do Cepa*, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 26, p. 113-131, 1997.

NOELLI, F. S. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. *Diálogos*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 177-201, 1997.

NOELLI, F. S. El Guaraní agricultor. *Acción: Revista Paraguaya de Reflexión y Diálogo*, Santa Cruz do Sul, v. 144, p. 17-20, 1994.

Sobre os autores:

Diana Araujo Pereira: Doutora em Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA) na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). **E-mail:** diana.pereira@unila.edu.br, **Orcid:** 0000-0002-7776-5269

Clovis Antonio Brighenti: Doutor em História Indígena pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de História-América Latina na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). **E-mail:** clovisbrighenti@gmail.com, **Orcid:** 0000-0002-8782-2239

Recebido em: 06/07/2022

Aprovado para publicação: 08/07/2022

